

Maria Stella Welker Antoni

Recolhendo Tijolos



Trabalho de Conclusão de Curso

*Pós Graduação em Narração Artística: Caminho para contar histórias em
contexto urbano.*

A Casa Tombada

São Paulo, SP -2020/2022

Caminho

1. ***Eu e o bairro***
2. ***Horizontalidade: O bairro e o nós***
3. ***Verticalização: Muralhas***
4. ***A vitalidade de um bairro***
5. ***Bairros: guardiões das narrativas urbanas***
6. ***Trovadora***
7. ***Reexistência***

Eu e o Bairro



Eu tenho pressa, tenho pressa para caminhar, mas não quero correr. Quero escutar muitas histórias, ser atravessada por elas, mas estão arrancando nossas histórias, estão arrancando nossas memórias, estão arrancando nossos tijolos. Eu tenho pressa, eu tenho muita pressa. Eu caminho por aqui faz 36 anos e tem muito lugar que eu ainda não vi, tem muita gente que ainda não encontrei, tem muita foto que não tirei, tem muito lugar que eu não visitei. Eu tenho pressa, mas eu preciso ter calma, eu preciso ter muita calma para poder contar esta história.

Um lugar para morar, era isso; tão jovem e queria um lugar para morar. Talvez, em tempos de uma juventude, quando eu vivenciava as incertezas de não saber qual era meu lugar no mundo, o que eu queria mesmo eram lugares de encontros; a casa e os lugares de encontros. Queria o lugar da experiência

com afetos, queria estar a pé, caminhar, falar com as pessoas, me encontrar comigo mesma através dos encontros com os outros.

Descobri o bairro de Pinheiros aos 18 anos, ao acaso, e me surpreendi com uma rua com uma figueira que, em 1986, já tomava as calçadas com sua presença exuberante. Na memória, caminho muito pouco e entro em um mercadinho de bairro, destes com estantes de madeira; o Zé do Bigode já me atende com um sorriso largo, perguntando: “O que esta alegria quer? ”, “...ah, eu...”. A alegria do seu Bigode naquela tarde. Me deparo com um amontoado de *brevidades*, como a broa que meu avô trazia para casa, sempre que chegava do seu trabalho na rua José Paulino; e que nunca mais eu havia encontrado. A figueira, a calçada, o Zé do Bigode, e as *brevidades*...era ali que eu iria fincar minhas raízes.

Falar sobre este bairro, narrar suas histórias, é também falar sobre mim, sobre minhas histórias, minhas relações, os caminhos que percorri e percorro, as pessoas que me tocaram e me tocam. A forma como mergulhei no bairro de Pinheiros reflete como me relaciono com o mundo, mas fico um tanto constrangida, pois em um momento de tanta desconstrução, de demolição de espaços físicos que vai levando embora memórias, pontos comerciais, postos de trabalho, lugares de encontros, modos de vida, como posso falar sobre mim? Sigo procurando me apaziguar com esta narrativa, que não poderia ser de outro jeito, pois é meu corpo que caminha por aqui, que atravessa as ruas, que esbarra em tantas pessoas e histórias, que anda, e corre, e que quase sempre para em uma prosa inesperada.

Por estas calçadas, insisto em transformar meus medos em vida!

As lembranças se apoiam nas pedras da cidade. Se o espaço, para Merleau-Ponty, é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva.¹

¹ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios da psicologia social. Cotia, SP: Ateliê Editorial, p. 71.

Nesta casa/bairro, nesta casa/caixa de memórias, onde corre minha seiva, eu tenho andado muito, mais e mais. Muitas vezes com angústia, outras em pura contemplação, recolhendo todos os tijolos que posso, talvez com receio de ter as memórias levadas pelos caminhões de entulho que se acumulam em cada esquina.

Horizontalidade: O Bairro e o Nós

A partir de uma caminhada pelo bairro, em atitude de observação, por meio de contatos, prosas, registros fotográficos, procurando, em um cenário de desconstrução de espaços físicos, o que ainda resistia de vestígios de memória, de histórias e de lugares de encontros coletivos, sou surpreendida por um encontro, sem hora marcada.

Avisto Dona Maria, moradora do bairro de Pinheiros desde os anos 1960, que rapidamente vem ao meu encontro procurando saber o que eu fazia ali, fotografando e observando. Começo a contar sobre este movimento que eu e outros moradores estamos fazendo, de registros, reconhecimento, mapeamento de vilas e áreas mais horizontais do bairro, falo sobre a desconstrução vertiginosa que estamos presenciando nesta cidade que se apresenta pós-confinamento em virtude da pandemia. Dona Maria logo me interrompe e me pergunta como poderia continuar a morar ali, na rua Irmãos Lucas, pequena e belíssima viela, até que seus dias por aqui terminassem. Falando em voz baixa e firme, me conta um pouco de sua angústia diante da pressão de incorporadoras e de alguns moradores para que ela vendesse sua casa por uma quantia gorda, como disse, relatando que jamais teve a intenção de sair dali. Ela me fala, emocionada, de sua experiência durante a pandemia, na qual não precisou ficar confinada, isolada como muitos outros idosos; saía com seu cachorrinho, podia receber o bolo quentinho que a vizinha Joana fazia toda semana para ela e encontrar seus vizinhos aos finais de semana em uma mesa comprida de madeira colocada ao ar livre, possibilitando encontros cuidadosos e afetivos. Naquele instante, fui tomada por uma expressão: “cuidado coletivo”. Interrompendo sua narrativa, pois ela estava com painéis

no fogo, finalizou dizendo que se saísse daquela casa, ela não saberia mais viver.

Vêm as imobiliárias e compram uma casa, depois outra, o quarteirão. Os vizinhos se reúnem, querem resistir: Os edifícios altos esmagam sua moradia, roubam-lhe o sol, a luz, o horizonte...[...]. Pouco tempo irá sobreviver às mudanças, suas raízes se partiram. Mudança e morte se equivalem para o idoso.²

Impactada por este encontro, já pensando em revê-la para escutar mais de sua história de vida, vou seguindo minha caminhada, agora mais atenta ainda aos meus passos e aos movimentos que haviam me levado até ali. Atenta ao meu corpo, em como meus pés se deslocavam, por onde meus olhos repousavam, nos sopros de vozes que escutava e entregava pelos caminhos, às crianças a brincar com pêssegos caídos no chão.



Neste momento, começo a pensar que meus movimentos seguiam um fluxo horizontal; os olhos em observação, os ouvidos em escuta, o andar pelas ruas. Este caminho, vivenciado pela horizontalidade de movimentos e paisagens, me leva ao encontro de pessoas, de modos de vida e de histórias.

² BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios da psicologia social. Cotia, SP: Ateliê Editorial, p. 75.

A narrativa de Dona Maria se funde à reflexão que venho fazendo sobre a ocupação dos espaços urbanos, enquanto territórios de construção de modos de vida e experiências diversos, assim como sobre a memória coletiva constituída por meio dos lugares, das habitações, das paisagens, ruas e calçadas, e sobre a importância dos bairros e suas singularidades.

Jane Jacobs, em seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades*, provoca reflexões sobre o urbanismo na modernidade, tece uma análise delicada sobre a relação entre as crianças e as calçadas: “Por que as crianças acham, com frequência, que perambular pelas calçadas cheias de vida é mais interessante do que ficar nos quintais ou nos parquinhos? Porque as calçadas são mais interessantes”³. Penso aqui na relação curiosa das crianças com o mundo, no olhar faminto pelo entorno, pelo encontro, pelo diverso, pela brincadeira informal e inesperada. A rua, a calçada, são o lugar dessas descobertas.

A diversidade que há nas calçadas, seja em construções de épocas, intenções e conceitos diferentes, ou nas pessoas que por ali transitam, poderia ser expressa em apenas dois quarteirões de uma rua do bairro de Pinheiros, onde se entrelaçavam a loja de quindins, desde 1980 no mesmo endereço, a Mesquita Hamza, a livraria e a Igreja de Santa Luzia. Há uma enormidade de caminhos distintos neste pequeno percurso, em intenções, velocidades, ações, formatos de encontros. Infelizmente, a loja de quindins e a Mesquita já entraram em processo de demolição, e darão lugar a um novo empreendimento que em seu *folder* é apresentado como “um espaço de experiência única”, “um lugar só seu”, com o *slogan* de “seja transportado para um mundo de exclusividades”.

Continuo caminhando, observando, registrando, mais e mais atenta, pois sei que a desconstrução, o apagamento, segue um fluxo a toque de betoneiras.

³ JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011, p.93



Neste caminho sigo encarnada pela fala de Patricio Guzmán no belíssimo documentário *A Nostalgia da Luz*: "Os que tem memória são capazes de viver no frágil presente, os que não tem, não vivem em nenhuma parte".

Verticalização: Muralhas

Tocada pelas histórias que tenho ouvido, pelas demolições que tenho presenciado, venho me aprofundando na questão da verticalização nos centros urbanos, não apenas no âmbito das edificações, como também nos modos de vida que passam a ser impostos e os modos de vida que são ceifados, em instantes, em de surpresa. A ideia de comunidade, como território afetivo de compartilhamento comum, de pertencimento, de distribuição, vai se esfarelando e os novos espaços erguidos seguem em promoção ao ser individual, apartado de origens e memórias coletivas.

O desaparecimento sumário de paisagens, construções, comércios locais, ruas e vielas, cedem lugar aos lugares de não-encontros. Lugares de afeto, de possibilidades de experiência, onde as pessoas se afetam, dão lugar a espaços de consumo, que na maior parte das vezes não serão frequentados, experienciados por quem ali habita.

Segue-se a oferta de um progresso que vende um modo de vida que promete prazeres ao indivíduo, no aqui e agora, em clausuras minúsculas ou,

em paralelo, em castelos modernos. Em contrapartida, há um desinvestimento em espaços públicos.

A cidade se reinventa a partir de sua trajetória, de seu legado. Legado das condições materiais de vida, mas também das culturas do viver que construíram o lugar. Na cidade artefato imobiliário, essas formas de viver já estão pré-codificadas e projetadas antes de serem habitadas.⁴

Não há como deixar de notar o uso de expressões e palavras geralmente em inglês nos panfletos e cartazes dos novos empreendimentos, recorrentes, repetitivas, anunciando o “novo modo vida”: *coworking, coliving, exclusive, share, unique, innovation, espaço kids, job, business, studio, living, space, creativity, residences, future, laundry, garden, services, market, loft, gourmet...*

Os espaços coletivos em áreas abertas, sem contornos de muros, que recebiam a diversidade de pessoas, manifestações, experimentações, vão sendo substituídos por espaços de iguais, privados e com ofertas de ocupação permeadas por um consumo seletivo. Onde se passeava, em esbarrões surpreendentes, paradas em algum bar de esquina, descansos em um banco, comprinhas pelos pequenos comércios, sumiços esporádicos pelas vielas, abraços, agora há espaços de percursos estéreis, onde o ser coletivo, do encontro, da vitalidade, se transmuta em um ser engrenagem.

Empreendimentos para quem?

Lendo Raquel Rolnik, em *São Paulo: O planejamento da desigualdade*, compreendo que para “fechar a conta” destes incontáveis empreendimentos, os novos imóveis serão destinados para sujeitos de crédito, que estarão reféns de infindas prestações, garantindo o retorno com alto lucro sobre o capital investido aos incorporadores. Estes lançamentos imobiliários não serão oferecidos aos trabalhadores que não são bancarizados. A falácia da

⁴ ROLNIK, Raquel. **São Paulo: o planejamento da desigualdade**. São Paulo: Editora Fósforo, 2022, p. 103.

democratização de moradias, esparramada pelas construtoras, encobre um descontrolado aumento de preços de aluguéis e dos imóveis, incorporando os “novos modos de vida” aos novos valores, seguindo sem resolução, intenção e planejamento, diminuir o abismo da falta de moradia para a população de baixa renda.

Neste cenário de inúmeras construções, há algumas com metragens bastante diferenciadas; para os bolsos privilegiados, oferecem verdadeiros “mundos” auto-suficientes, com mercados, serviços, *exclusive garden*, academias, guaritas, portão número um, portão número dois (as chamadas “gaiolas” das portarias) e muros, altos muros. Antonio Prata, em seu artigo publicado na Folha de São Paulo em 20 de fevereiro de 2022, intitulado “Frequentar uma praça”, diz: “o rico brasileiro é um miserável e não sabe. Preso entre colunas jônicas e concertinas, acha que é “de primeiro mundo” se entupir de Prada e wagyu; jamais vai entender a alegria civil de frequentar uma praça”⁵.

Quanto mais altos os muros, mais gente terá do lado de fora!

A vitalidade de um bairro

“Vitalidade: 1. Qualidade ou condição daquilo que tem vida, vigor”

Dicionário Caldas Aulete.

Me debruço sobre o bairro, este novo bairro com demolições de quarteirões inteiros. Em tempos de pandemia, foram tantas e tantas pessoas

⁵ PRATA, Antonio. Frequentar uma praça. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 102, N° 33.925, 20 fev. 2022.

que, nem com todos os esforços, não conseguiram manter seus pequenos negócios, bares, lojinhas, restaurantes, não conseguiram pagar seus impostos e acabaram cedendo, sem mais forças, ao massivo assédio das construtoras. Em cada esquina, vê-se a descaracterização e o apagamento de um bairro, que já não está mais aqui.

Volto à oferta dos inúmeros novos empreendimentos e seus inúmeros espaços exclusivos de recreação, de lazer, de *homework*. Ninguém perguntou “o que as pessoas precisam”, mas se criou um “novo necessário”. Neste caso, o necessário não é mais coletivo, e o bairro passa a ser reduzido a um condomínio.

O que é o necessário? O que é vital?

Tantas áreas de lazer, quadras, piscinas, entre muros, altos muros!

Os velhos prédios e as velhas vilas não tem áreas extensas de lazer, não era necessário. O lazer da praça, a velha sede da ACM (um pequeno clube com preços populares da Associação Cristã de Moços, local para a prática de esportes e convívio coletivo, de jovens e velhos, que já foi demolida), a ruela, a árvore, o tronco da árvore, estavam ali, do lado de fora dos portões, para tantos, para diversos.

O planejamento para a vitalidade deve combater a existência nociva das zonas de fronteiras desertas e deve ajudar a promover a identificação das pessoas com distritos que são extensos, variados e ricos em contatos internos e externos o suficiente para lidar bem com os problemas difíceis, inevitáveis e naturais da vida nas grandes cidades.⁶

Além muros, nas ruas, calçadas, praças, se encontra a vitalidade de um bairro!

Bairros: guardiões das narrativas urbanas

⁶ JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011, p.455.

Luiz Antonio Simas, em *O corpo encantado das ruas*, diz: “As ruas são como arquivos, verdadeiras bibliotecas que pesquiso, escrevo e pela qual sou apaixonado”⁷.

Nos bairros temos os berçários e os guardiões das narrativas urbanas. Os arquivos de memórias se apresentam nas construções, nos modos de vida, nos percursos, nos espaços de encontros e paradas, nos espaços de escuta, de fala.

Quem conta as histórias urbanas? No percurso, me retorna um momento vivido em uma das manifestações que fiz com grupos pelo bairro onde escutei, através dos verbos despejados por promotores dos novos empreendimentos: “Só tem velho neste grupo, todos de cabelos brancos! ”. Reflito intensamente, pensando que o etarismo não ocorre apenas com as pessoas, mas com as coisas, com o que pode nos trazer lembranças, histórias, memórias. O etarismo é com as pessoas, as coisas, a cidade; um novo que não pode coexistir com o velho, incorporá-lo, escutá-lo. Vai se apagando a cidade, os bairros, as histórias, as narrações urbanas que constituem o ser coletivo, junto ao apagamento de seus velhos. O apagamento das coisas, do que é velho, do que carrega a memória, dos espaços de encontros para escutar histórias, e dos que podem nos contar as histórias em um contexto urbano.

Onde permaneceriam as narrações urbanas, as trocas de histórias, as contações, a tradição, a memória coletiva, em espaços desconstruídos, demolidos e remontados em bases que favorecem e promovem o individualismo, a constante excitação, a frivolidade, a adição, o consumismo? Onde ocorre a identificação do ser coletivo?

Ailton Krenak, em suas falas e escritas, nos convoca para refletir sobre o cidadão, a cidadania, o ser coletivo em um mundo capitalista, que se transmuta de cidadão à cliente, onde a experiência do ser é substituída pelo ter.

⁷ SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2019, p. 109.

Percorro este caminho de reflexão, observando o adensamento urbano vertical. Os novos lugares com mais gente, na forma como vêm sendo construídos, talvez sejam lugares de menos encontros, menos histórias, menos contatos e afetos, com menos coisas que nos afetam.

Trovadora

Carta para Izaura



Ah, Izaura, como eu queria ter tido mais tempo com você. Eu queria ter sentido o cheiro, escutado o barulho da sua porta de madeira escura, queria ter tocado a campainha e saído correndo dando risada, só para ver quem aparecia. Queria entrar pela porta e, curiosa, andar pelas tuas salas procurando algum vestígio do seu passado, foto, mapa, carta. Queria ter subido as escadas segurando os corrimãos, escutando aquele rangido velho e olhar os seus quartos, os segredos dos seus quartos. Eu queria me debruçar sobre

as tuas janelas e saber o que você enxergava através delas. Eu queria saber tudo, saber tanto de você, mas eu cheguei tarde, cheguei tarde demais.

Bailarina na Escadaria



Por onde meus pés dançavam?

Meus pés não dançavam, eles saltitavam, brincavam alegres por estas escadarias.

Só me lembro dos meus pés ágeis e, com meu corpo em rodopios, eu lançava meus braços ao alto querendo tocar o céu, que céu!

Meus braços iam juntos nestes balanços, minhas mãos ali prontas para tocar e enlaçar todos que eu encontrava, eu convidava para a dança e todo mundo entrava. Estava a criança, o jovem, o velho, o artista da música, do grafite, todos em dança, nos balanços, em rodas de conversa, de comida, de poesia. Eu ali, quando via, desavisada, já dançava pelas rodas de capoeira, os pés em ponta, rodava, rodava, rodava...

Ali era o encontro de todo tipo de arte, de ar que a gente podia respirar!

Mas hoje, hoje eu estou aqui, aqui entre estas muralhas. Meus pés já não podem mais saltitar pelas escadarias, já não posso mais dançar, mas a minha boca, a minha boca eles não podem tampar!

Girl Power



Não me venham com suas paredes brancas!

Não me venham com suas muralhas brancas, de homens brancos com seus ternos cinzas...cinza da cor do cimento que querem entalar em nossas gargantas!

Chão de Pedra



Aqui passou o bonde, a Rural Willys, a Kombi do padeiro, o carrinho de leite, do Yakult, do gás; passou a carroça puxada pelo cavalo com as ferraduras gastas, o afiador de facas assoprando sua gaita, o carroceiro e seus cachorros, o velhinho e seu realejo.... Aqui também passou a ditadura!

Descanso



No meio do caminho, um banco e uma arte!

Sombra



Alto

Muito mais alto

Mais distante

Mais frio, feio, cinza, reto

Longe

Muito mais longe da rua

Da gente na rua

Alto, rasgando o sol

Faz sombra, muita sombra

Assombra a rua

E longe da gente que sua, na calçada

Longe do sopro do encontro

E assombra, vigia

Sufoca a calçada, a casa, a vida que passa

E lá embaixo, na sua sombra

A gente lambe a calçada

E sabe o gosto que tem!

Pó

Eles não gostam do verde, nem do azul, nem do vermelho, ou rosa ou amarelo!

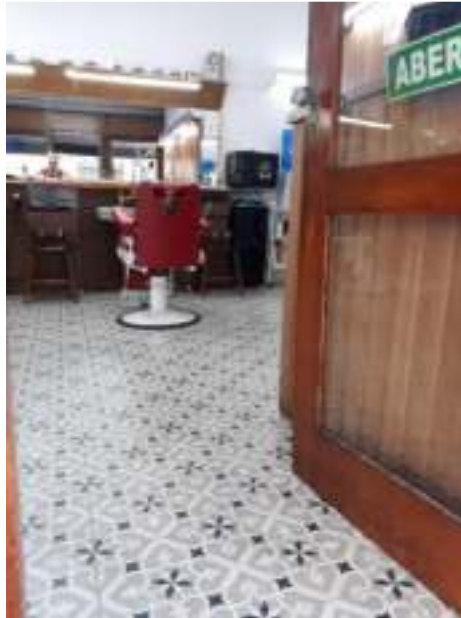
Eles não gostam do cheiro de terra molhada, nem das flores e dos arbustos na calçada!

Eles não gostam de árvores que dão frutos, sejam amoreiras, goiabeiras, jabuticabeiras, que acolhem ninhos de passarinhos, que deixam as folhas de presente no chão!

Eles não gostam de gente que caminha, que passa desavisada, que olha pela vidraça!

São a gente que também não gosta da praça, e menos ainda da floresta em pé e de áreas preservadas!

Eles gostam do dinheiro com cheiro das cinzas e gosto de sangue em uma terra arrasada!

Velha

Passo por aqui meus passos, neste bairro antigo que, pelo que venho lendo e escutando, é o bairro mais antigo de São Paulo. Em passadas largas, mas que perdem a pressa, sempre, sempre, e não perdem o tempo de uma conversinha, uma jogada de prosa, um cumprimento. A cada passo um olhar de espanto, tamanho o canteiro de buracos em todo canto, onde havia uma casa, outra casa, outro predinho, uma mangueira, uma sibipiruna, uma calçada larga. E nestes passos, de repente, paro aqui nesta antiga barbearia, muito antiga, cheia de velhos espelhos. Paro, contemplo, fotografo e me vejo ali, nos velhos espelhos, eu e meus cabelos tão grisalhos, ficando antigos, neste velho bairro.

Reexistência

Entre muros, muralhas, solo impermeável, que nem suor absorve, entre as frestas para ver um sol, uma lua, um chão de céu, entre os entulhos, a calçada que falta, entre uma árvore afogada no cimento, entre um recanto de horta urbana, uma vila que grita: “Aqui não!”; entre um boteco que encheu de água na enxurrada de um Rio Verde soterrado pela cidade, entre uma guarita, outra guarita, os muros com cercas elétricas, teremos que escavar espaços coletivos, de experiências, de construções de memórias coletivas. Que o cimento, o pó das escavadeiras, o barulho das betoneiras, não nos tire a sensibilidade de olhar novas possibilidades de existência, de reexistência em uma cidade que teima em apagar nossas pegadas.

As ruas desencantadas, a festa combatida, os tambores calados e as bandeiras recolhidas são crônicas do desencanto e da arenização das cidades.⁸

Que diabos fazer? A nossa tarefa não é apenas resistir. Já não é mais suficiente. É reexistir mesmo; reinventar afeições dentro ou fora das arenas e encontrar novas frestas para arrepiar a vida de originalidades, encantarias e gritos- amados, suados, deseducados, gentis, épicos, miúdos, cheirando a mijo e flores delirantes, de gol na rua.⁹

Referências bibliográficas

⁸ SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2019, p. 85.

⁹ *Ibidem*, p. 84.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papyrus Editora, 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios da psicologia social. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2011.

KUMAR, Satish. **Solo, alma, sociedade**: uma nova trindade para o nosso tempo. Jardim Paulista: Palas Athena Editora, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles.; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Lisboa: Edições 70, 2020.

PRATA, Antonio. Frequentar uma praça. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 102, Nº 33.925, 20 fev. 2022.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**: o planejamento da desigualdade. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2019.

FOTOS: Arquivo pessoal.